

Jornada

Poesia e Performance

27 de setembro
Sala de Reuniões I

Faculdade de Letras
da Universidade do Porto



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

Comissão Organizadora

Bruno Ministro

Inês Cardoso

Lúcia Liberato Evangelista



Imagem de capa a partir da fotografia de:

Fernando Aguiar, "PONTO-ACÇÃO", PERFORMANCE-ARTE, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal, 1986

Jornada

Poesia e Performance

27 de setembro

Sala de Reuniões I

Faculdade de Letras

da Universidade do Porto

PROGRAMA PROVISÓRIO

FLUP - Sala de Reuniões I

9h30 – 9h45 – Acolhimento dos Participantes

9h45 – 10h00 – Abertura da Jornada

10h00 – 10h45

Dois Dedos de Conversa com Fernando Aguiar

Moderação: Bruno Ministro, Inês Cardoso, Lúcia Liberato Evangelista

10h45 – 11h00 – Coffee Break

11h00 – 12h00 – **MESA 1**

A performance nas vanguardas literárias em Portugal

Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja / CLP/ ILCML)

Breves conexões entre o Surrealismo português e a Arte da Performance

Ana Isabel Santos (ILCML, Universidade do Porto)

Debate

Moderação: Rosa Maria Martelo (ILCML, Universidade do Porto)

12h00 – 13h00 – **MESA 2**

Almada Negreiros e Ernesto de Sousa, dois Nomes de Guerra

Ana Cancela (CITCEM, Universidade do Porto)

How to Pass, Kick, Fall, and Run ou como ler Herberto Helder com Cunningham e Cage

Sofia Mota Freitas (ILCML, Universidade do Porto)

Debate

Moderação: Annita Costa Malufe (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/CNPq/ ILCML)

13h00 – 15h00 – Almoço

15h00 – 16h00 – **MESA 3**

Máquinas de fala: Christophe Tarkos e Georges Aperghis

Annita Costa Malufe (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/
CNPq/ILCML)

não me canso de dizer que cada coisa pode ser o contrário do que é:

Alberto Pimenta, António Aragão e algumas notas sobre o silêncio

Inês Cardoso (ILCML, Universidade do Porto)

Debate

Moderação: Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja / CLP/
ILCML)

16h00 – 17h00 – **MESA 4**

Entre a performance, a poesia e a política: pensar a obra de Alberto Pimenta

Lúcia Liberato Evangelista (ILCML, Universidade do Porto)

Publicações performativas

Bruno Ministro (ILCML, Universidade do Porto)

Debate

Moderação: Sofia Mota Freitas (ILCML, Universidade do Porto)

17h00 – 17h30 – Coffee Break

17h30 – **PERFO&POESIA** – Performance de Fernando Aguiar

Resumos

A performance nas vanguardas literárias em Portugal

Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja / CLP/ ILCML)

O conceito de performance é abrangente e multiforme, sendo considerado, pelos investigadores e artistas, uma das mais importantes alavancas críticas dos séculos XX e XXI, no âmbito da cultura e da arte. No campo literário, tem sido uma modalidade controversa, situando-se entre a provocação *blagué* e efémera e as práticas de leitura partilhada na esteira da melhor (pior?) tradição dos salões literários franceses do século XVIII. Uma análise atenta do fenómeno devolve, no entanto, uma diversidade de abordagens impossível de reduzir aos estereótipos mencionados.

Um seu estudo, nomeadamente sobre o caso português, tem vindo a ser desenvolvido, pela autora desta comunicação, desde 2010. Nesta comunicação, para além de uma breve panorâmica do fenómeno em Portugal, do século XX em diante, estreitamente associado à eclosão das mais importantes vanguardas literárias nacionais, nomeadamente o futurismo, o surrealismo e o experimentalismo, apresenta-se um esboço da coleção de poesia e performance que a autora se encontra a preparar para o *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa*.

Sandra Guerreiro Dias é autora da primeira tese de doutoramento sobre poesia e performance em Portugal, intitulada: *O Corpo como Texto: Poesia, Performance e Experimentalismo* (2016) (FLUC-CES/FCT). É investigadora integrada do Centro de Literatura Portuguesa (UC), colaboradora dos grupos de investigação “Performance & Cognição” (ICNova), “Intermedialidades” (ILCML, FLUP) e do *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa*. É docente na Escola Superior de Educação de Beja. Entre 2008 e 2016, integrou vários coletivos de poesia, realizando performances e intervenções

poéticas um pouco por todo o país. Tem sido palestrante convidada, em Portugal e no estrangeiro, nestas matérias.

Breves conexões entre o Surrealismo português e a Arte da Performance

Ana Isabel Santos (ILCML, Universidade do Porto)

Como tem sido tornado mais evidente ao longo das últimas décadas, sempre houve entre as artes diversos tipos de trânsito, estas sempre se alimentaram mutuamente. O século XX desde cedo testemunhou uma revolução e questionamento do legado artístico e intelectual do passado, fruto de uma enorme onda de criatividade e sede de experimentação que teve as suas mais evidentes resoluções no universo histórico-literário, nas artes de expressão plástica e performativa e nos respetivos campos críticos.

A presente proposta intende a fazer uma incursão pela multidisciplinaridade que domina a produção e o pensamento dos surrealistas portugueses nas décadas de '40 e '50, partindo do equacionamento de uma estreita ligação entre a poesia e a arte da performance. O movimento surrealista português ganhou corpo e alma na aventura de um grupo de artistas imbuídos de um ímpeto irreverente e revolucionário, mas acima de tudo performativo e totalizador de uma inigualável capacidade criativa, onde o humor e o fantástico viajam constantemente entre a vida e a arte. Tendo como seu expoente máximo Mário Cesariny, os surrealistas desde cedo adotaram diferentes configurações de expressão visual e plástica, onde a performance ganha especial protagonismo no seu *projeto estético* ao estabelecer uma ponte com as várias dimensões do objeto artístico, tal como perçecionado por uma das mais relevantes gerações artísticas portuguesas.

Ana Isabel Santos é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora não-doutorada do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

Licenciou-se em Línguas, Literaturas e Culturas e concluiu, em 2020, o Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes – Ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais na mesma instituição, com uma dissertação intitulada «*Para ser visto por uma lente: a imagem de Mário-Henrique Leiria*». A sua investigação doutoral é centrada no estabelecimento de diálogos entre a poesia e as outras artes no contexto das vanguardas artísticas do século XX, em particular o caso do Surrealismo português.

Almada Negreiros e Ernesto de Sousa, dois Nomes de Guerra

Ana Cancela (CITCEM, Universidade do Porto)

Esta comunicação tem como objectivo analisar a intersecção entre a poesia de Almada Negreiros e as obras *mixed media* de Ernesto de Sousa, *Nós Não Estamos Algures* e *Almada um Nome de Guerra*. Ernesto de Sousa desenvolveu uma relação profícua com Almada tendo-lhe dedicado inúmeras referências em textos teóricos e em variadas obras nomeadamente o *mixed media Almada um Nome de Guerra*. A atitude vanguardista, a diversificação de atuação por variadas áreas artísticas, a irreverência, a rutura com valores e estéticas do passado nomeadamente no que se refere ao teatro/performance, são alguns dos aspectos por ambos partilhados. Para além disso é fundamental entender a figura de Almada como performer dos seus manifestos e conferências, prática que se considera precursora destas obras multidisciplinares que se desenvolveram pós 1960.

Neste sentido, pretende-se estabelecer uma reflexão sobre a apropriação de Ernesto de Sousa da obra poética de Almada e sobre os processos de criação artística tendo em conta que a preocupação de Ernesto de Sousa se centrou na adaptação, intersecção ou reinterpretação complexa de textos poéticos, através da performance, elementos visuais e musicais e novas tecnologias.

Considerando estes *mixed media* como práticas artísticas efémeras e multidisciplinares, que reclamam modos particulares de memória e transmissão, procurar-se-á também apresentar a metodologia e documentação inerente a este estudo bem como a teorização em que se apoia. Assim, à luz da teoria da historiografia revolucionária de Walter Benjamin, serão postos à reflexão diferentes temporalidades, através de uma *montagem* operativa, chamando a atenção para as afinidades e correspondências, nem sempre evidentes ou conscientes, que ultrapassam a linearidade e ideia de contínuo histórico.

Ana Cancela licenciada e mestre em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, o grau de Licenciatura em Piano Solo na classe do professor Fausto Neves. Exerceu atividade de concertista (dando preferência à interpretação da música contemporânea) e de docente de piano no Conservatório de Música do Porto, entre 2011 e 2017. Actualmente, dedica-se à investigação na área dos Estudos Transdisciplinares História da Arte/História da Música e Práticas Artísticas Contemporâneas. É doutoranda em Estudos do Património (História da Arte) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde está a desenvolver uma investigação consagrada ao tema “Artes Sonoras na Performance Art em Portugal: sinergias, práticas e arquivo” sob a orientação da Professora Doutora Leonor Barbosa e co-orientação do Professor Doutor Hugo Barreira. É investigadora integrada do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço Memória (CITCEM).

How to Pass, Kick, Fall, and Run ou como ler Herberto Helder com Cunningham e Cage

Sofia Mota Freitas (ILCML, Universidade do Porto)

Tome-se como exemplo a peça *How to Pass, Kick, Fall, and Run* (1965) do coreógrafo Merce Cunningham. A banda sonora consiste numa série de pequenas narrativas contadas por John Cage. Enquanto os bailarinos executam a coreografia, John Cage, num canto do palco sentado a uma mesa a fumar e a beber champanhe, recita textos anedóticos à velocidade de uma história por minuto. A sucessão das narrativas é sempre aleatória (ou seja, a sua ordem muda de espetáculo para espetáculo, sendo cada um irrepetível) e o próprio conteúdo narrado não possui qualquer lógica temática ou sequencial. As histórias também não são legenda para o que se sucede em termos de dança nem esta é ilustração das mesmas. Cada espectador tem a liberdade de prestar (ou não) atenção a tudo quanto acontece em palco, ou nas palavras do poeta Herberto Helder: “A regra de ouro é: liberdade. E pede-se desentortadamente ao leitor: que leia aqueles poemas o mais livremente que puder” (1979: 69). Esta forma de criar, ordenando o caos que propositalmente se cria, é um trabalho nas margens, “sempre na fronteira entre o nexo e o anómalo, entre a norma e a monstruosidade possível”, segundo José Gil (2018: 414). Note-se que esta maneira de tecer imagens – no caso coreográficas – não é estranha à poesia herbertiana que, segundo Manuel Gusmão, possui “um modo de cootização das imagens do corpo e do mundo que parece colocar-nos perante algo de primitivo, arcaico, imemorial, de alucinado e terrível” (2002: 382). Partindo de *How to Pass, Kick, Fall, and Run* pretende-se ler o mais livremente que se puder (algum)a poesia herbertiana.

Sofia Mota Freitas é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – tendo obtido uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pertence à equipa editorial da revista eletrónica *SKHEMA – Revista Interates*. Licenciou-se em Estudos Portugueses e Lusófonos e concluiu, em 2016, o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes na mesma instituição, com a dissertação *O Imaginário e a Representação da Dança em Mário de Sá-Carneiro*. As suas áreas de interesse são a Literatura Portuguesa, os Estudos Interartísticos e os Estudos de Dança.

Máquinas de fala: Christophe Tarkos e Georges Aperghis

Annita Costa Malufe (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/
CNPq/ ILCML)

Pretende-se explorar o uso da voz falada em certas poéticas contemporâneas enquanto material de escrita. Para tanto, desenvolve-se a noção de “máquinas de fala”, a partir da relação com pensamentos acerca da performance e da temporalidade, como aqueles de Paul Zumthor e de Gilles Deleuze, experimentando-a na observação de duas propostas que possuem ao mesmo tempo proximidades e diferenças entre si: a do poeta francês Christophe Tarkos (1963–2004) e a do poeta e compositor grego, naturalizado na França, Georges Aperghis (1945–). A intenção é mostrar como se dá em cada um o uso da vocalidade na construção de novas línguas que seriam próximas a notações musicais, convocando novas musicalidades simultaneamente a novos modos de se vivenciar a palavra no corpo.

Annita Costa Malufe é professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no programa de pós-graduação em Literatura e Crítica Literária e pesquisadora CNPq. Doutorou-se em Teoria e História Literária pela Unicamp, com o ensaio: *Poéticas da imanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar* (Ed. 7Letras/ Fapesp, 2011). Realizou dois pós-doutorados sobre o escritor Samuel Beckett e a filosofia de Deleuze, na Universidade de São Paulo e na PUC-SP. É autora de sete livros de poemas, dentre eles *Quando não estou por perto* (Ed. 7Letras/ Petrobras, 2012), e *Alguém que dorme na plateia vazia* (7Letras, 2021). Atualmente desenvolve, como investigadora colaboradora, projeto de pesquisa acerca de escritas performáticas no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto.

não me canso de dizer que cada coisa pode ser o contrário do que é: Alberto Pimenta, António Aragão e algumas notas sobre o silêncio

Inês Cardoso (ILCML, Universidade do Porto)

A ironia, a sátira e o humor constituem os eixos de análise que, de forma mais recorrente, têm vindo a alicerçar o estudo comparativo entre as obras de António Aragão e Alberto Pimenta. E não será difícil compreender as razões que motivam tal abordagem: se, por um lado, é significativo o número de obras poéticas que partilham o recurso a um humor particularmente cáustico, por outro, não podemos ignorar o teor cómico que perpassa as cartas reunidas no projeto coletivo *Os 3 farros. descida aos infernos.*, publicado 1984.

Considerando que esta dimensão nunca invalidou a presença de registos mais disfóricos, marcados pela violência e pela perda, esta comunicação pretende debruçar-se sobre o modo como, no campo da performance, a postura vigilante destes autores viabilizou uma exploração incisiva do silêncio. Partindo do princípio de que “a greve de palavras (...) não significa uma greve de discurso” (2010: s.p.) – e reconhecendo o silêncio não só como mecanismo de subversão, mas também enquanto experiência de um mundo progressivamente mais fragmentado e desumanizado – considerar-se-ão duas operações distintas: *Conferência e Intervenção Orfotímica*, levada a cabo por António Aragão, em 1981, no Museu de Arte Sacra (Funchal); e *Auto de Fé*, ato poético apresentado por Alberto Pimenta, em 1985, na Galeria Municipal de Arte (Évora).

Inês Cardoso é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na mesma instituição, o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, apresentando uma dissertação intitulada *O futuro já mostra que ontem foi há muito tempo: A resistência à globalização em Alberto Pimenta* (2016). Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), encontra-se a concluir uma tese de doutoramento em torno das obras de Salette Tavares e António Aragão. É cofundadora e coeditora da Revista Interartes SKHEMA [www.skhemagazine.com].

Entre a performance, a poesia e a política: pensar a obra de Alberto Pimenta

Lúcia Liberato Evangelista (ILCML, Universidade do Porto)

Em Alberto Pimenta é recorrente a transformação paródica de um imaginário bíblico, judaico-cristão (muitos dos títulos de livros e de *performances* são já exemplos claros disso). Mas é também em sua verve satírica, no trabalho de transformação do cânone, na dessacralização dos ritos artísticos e culturais e na desestabilização do sistema de crenças sustentador do sistema capitalista que a obra pimentiana se revela enquanto gesto profanador.

A noção de *profanação* de Giorgio Agamben tem funcionado, pois, na minha tese de doutoramento como um operador crítico para a mobilização de algumas questões que interessam na obra de Alberto Pimenta. Por exemplo: como Alberto Pimenta – sem se afastar de espaços intelectuais e artísticos, dos meios culturais e acadêmicos, e mesmo sem se eximir do vocabulário e dos modos de funcionamento da indústria e do consumo culturais – consegue criar continuamente uma resistência de adequação da sua obra a qualquer um desses meios? Outra questão: a relação entre poesia e intermedialidade seria uma forma de afastar o lirismo de uma pretensa pureza estética (autônômica) e de uma suposta neutralidade política? Mais: sendo o rito algo central para a conceituação da arte performance – tal como sugere a definição de Richard Schechner, «[r]itualized behavior conditioned and/or permeated by play» –, o caráter performativo da obra pimentiana poderá ser pensado enquanto via de jogar com o que fora sacralizado na esfera da Cultura? Neste viés, e sob alguns dos seus vários desdobramentos, procuramos articular a vertente performativa do nosso autor com a noção de *profanação* de Giorgio Agamben.

Lúcia Liberato Evangelista tem licenciatura em Letras na Universidade Estadual do Ceará - Brasil e é mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Universidade do Porto - Portugal. Também, nesta Universidade, é doutoranda com uma tese dedicada à obra de Alberto Pimenta, projeto a que foi conferida bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT. É membro investigadora do Grupo Intermedialidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, do *Aesthetics, Politics and Knowledge Research Group* do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e do grupo Contemporary Poetry and Politics: Social Conflicts and Poetic Dialogisms (POEPOLIT II) - Cátedra José Saramago, Vigo.

Publicações performativas

Bruno Ministro (ILCML, Universidade do Porto)

César Figueiredo nunca participou numa performance. Ainda assim, todas as suas obras são performativas. Talvez, em rigor, *Copy Porto* (1992) possa ser pensada nesta linha, embora tenha sido descrita como “ação ao vivo” ou “interação copigráfica” pelos seus autores. Esta “Ação Jürgen Olbrich César Figueiredo” consistiu na produção, ao vivo na Casa de Serralves, de um conjunto de obras de *copy art* que foram depois expostas na Galeria do Goethe-Institut. Por isso, *Copy Porto* pode eventualmente ser descrita como performance, mas não pode de modo nenhum reduzir-se ao aqui e agora do acontecimento performativo. É razoável pensar que o mesmo acontece com o *happening* e instalação *This time is not money* (2011). A minha comunicação parte em específico deste trabalho para refletir sobre as “publicações performativas” concebidas por César Figueiredo com base nesse projeto. Estas incluem um panfleto com o mesmo nome e também um conjunto de nove publicações seriais sob o título *büro variation*. A partir destes exemplos, mostrarei como a performatividade material atravessa, nas suas obras, os momentos de produção, reprodução e circulação.

Nestes como noutros trabalhos de *copy art* de Figueiredo, a reflexão empírica sobre a *reprodução do quotidiano*, para usar os termos de Fredy Perelman, constitui também uma interventiva *produção* do quotidiano. Nesse mesmo sentido, interessa situá-la na linha daquilo que Owen Smith caracterizou, a partir das práticas Fluxus, como uma exploração da “densidade não hierárquica da experiência”. Esta “experiência” tem menos a ver com uma subjetividade do que com uma comunidade. As publicações performativas de Figueiredo resultam de uma ação autoral performativa mas não se reduzem a ela. Como se procurará demonstrar, estas publicações exigem também um empenho performativo por parte do leitor (ou “manuseador”?). O meu argumento será o de que isto acontece porque são os próprios materiais que são performativos, sendo eles mesmos agentes de

uma codificação e descodificação medial do performativo. Em articulação com o argumento principal, nesta comunicação explorarei ainda uma outra linha crítica com recurso ao exemplo de *suppose that... nr. 11 - netwalk congress* (2002) para refletir sobre o registo material da performance e a performance material como registo.

Bruno Ministro é investigador júnior no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (U. Porto). É doutorado em Materialidades da Literatura (U. Coimbra). A sua investigação tem sido dedicada sobretudo aos estudos da intermedialidade e estudos comparados dos meios. Trabalha também nas áreas das humanidades digitais e estudos literários computacionais. Tem publicado e apresentado o seu trabalho de investigação em revistas, livros e colóquios nacionais e internacionais. O seu último livro coeditado intitula-se *Poesia Programa Performance: projetos, processos e práticas em meios digitais* (com Sandra Guerreiro Dias, Publicações FFP, série Cibertextualidades, vol. 3, 2021).



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

 **Santander**
UNIVERSIDADES

U. PORTO